

DEPÓSITO LEGAL
-0. NOV. 1975

Poder Popular



Director: Fernando Ribeiro Mendes Órgão do Movimento de Esquerda Socialista Ano I N.º 11 (Nova Série) 2 de Outubro de 1975 Preço 4\$00



POR UM GOVERNO DE UNIDADE REVOLUCIONÁRIA !



**A OFENSIVA POPULAR ESMAGARÁ O VI GOVERNO,
O CONSELHO DA REVOLUÇÃO
E TODOS OS QUE PRETENDEM PERPETUAR
A DITADURA DO CAPITAL !**

SUV — VENCEU ! SUV — VENCERÁ !

1. «Camarada: A reacção fascista está de novo na ofensiva. E preciso esmagá-la. Só a unidade revolucionária de todos os trabalhadores nas fábricas, campos e quartéis a poderá vencer» era a palavra de ordem com que começava a targeta que, aos milhares, foi distribuída por esses quartéis fora, nos dias anteriores à manifestação. A capacidade de mobilização dos SUV e a correcção do programa de luta que defendem iam assim ser postos à prova pela segunda vez, agora em Lisboa. E para quem ainda duvidasse da força desta «ofensiva autónoma com carácter de classe», aí estavam, muito antes da manifestação, muitos milhares de soldados empunhando cartazes com as palavras de ordem escolhidas, e com referência ao seu quartel. E à medida que se ia aproximando a hora mar-

cada, outros milhares de soldados iam chegando, dos vários pontos da Pr. do Comércio, gritando em uníssono com a classe operária e os trabalhadores presentes — «soldados sempre, sempre ao lado do povo»; «reaccionários fora dos quartéis já». E iam chegando de Abrantes, de St.ª Margarida, do RIOQ, do Norte do País, enfim praticamente de todas as unidades militares. Aí estavam camaradas quer das unidades «de confiança», quer das que são dominadas por reaccionários e golpistas; aí estavam mais uma vez a provar quem tem os «80 por cento» das forças armadas. Os mais de 10 000 «SUVs» presentes mostravam através da palavra de ordem «operários, camponeses, soldados e marinheiros unidos venceremos» de que lado estarão quando houver um «choque de percentagens».

Mais uma vez há que denunciar os comandantes militaristas que tudo fizeram para proibir a saída dos trabalhadores fardados.

Mais uma vez há que afirmar que os soldados souberam impôr a sua força e estiveram na rua! Das unidades longe de Lisboa, os comandantes recusaram-se a ceder «berliets», os soldados responderam ocupando comboios e recusando-se a pagar, enviando a «conta» para o comandante!

Em resposta à «disciplina» que a burguesia e os oficiais reaccionários ten-

eram impôr os SUV deram uma enorme demonstração do que é disciplina para os trabalhadores, do que é a disciplina revolucionária — comparecendo fardados e organizados à manifestação, respeitando e fazendo respeitar as palavras de ordem e o seu carácter partidário e unitário. Disciplina inteiramente partilhada pelas dezenas e dezenas de milhares de trabalhadores representados através das suas estruturas de poder popular.

Eram assim, mais de 100 000 trabalhadores fardados e não fardados que

fizeram desta manifestação não só uma das maiores depois do 25 de Abril, como a mais importante demonstração de força e de capacidade de luta pelo socialismo.

2. Foi com o Parque Eduardo VII repleto de soldados e trabalhadores que os SUV iniciaram o comício final. Mal foram dadas informações sobre a prisão de Pinto e Figueiredo em Mafra, as massas trabalhadoras presentes logo gritaram — «reaccionários fora dos quartéis, já!» Mal se convocou para uma concentração que teria lugar na Trafaria, no dia seguinte, as massas populares logo gritaram: «Trafaria, já!» — «Trafaria hoje!».

A direcção política da manifestação, como direcção revolucionária, desde logo, captando aquele enorme impulso popular, começou a organizar a imediata deslocação da manifestação para a Trafaria. E logo surgiu a palavra de ordem: «ocupação de autocarros» — Todos às Amoreiras! e com o apoio militante de muitos camaradas da carris, com um enorme fervor revolucionário e uma disciplina impecável, os autocarros partiram para a prisão da Trafaria. Na rua a população aplaudia, lá dentro, nos autocarros, sentia-se bem fundo a solidari-

riedade entre os trabalhadores em farda ou em farda de macaco. Cantava-se, discutia-se, ria-se, ... Lutava-se!

Já na Trafaria o ambiente era o mesmo — fervor e disciplina revolucionária. Entre os gritos a bons pulmões e a alegria da luta, organizavam-se com os soldados, barricadas, preparando-nos «pró que desse e viesse».

E quando foi anunciado a saída de Pinto e Figueiredo e eles intervieram em total liberdade, foi a euforia de quem tinha de facto conquistado uma enorme vitória. E daí até Lisboa a palavra de ordem era só uma — O SUV venceu/O SUV vencerá!

Esta massiva expressão da capacidade de luta obrigam-nos a tirar 2 conclusões fundamentais:

a) De que a organização popular, nos vários terrenos de luta, apesar de todos os boicotes e contra-dições, avança em termos não só defensivos mas claramente de ofensiva revolucionária.

b) De que a direcção reformista do movimento de massas, está lenta mas seguramente, a impôr-se uma direcção revolucionária, que não compromete os seus avanços com jogos de aparelho ou conciliação com a direita capitalista.

A POSIÇÃO DOS SUV FACE ÀS RECENTES OCUPAÇÕES DAS RÁDIOS E TV

CAMARADAS,

Assistimos a mais uma manobra repressiva da burguesia contra a conquista dos trabalhadores.

Hoje 29 de Setembro de 1975, pelas 0800h, a Presidência da República e o Conselho da Revolução mandaram ocupar militarmente as emissoras de Rádio e a Televisão, para, segundo dizem elas, defenderem as liberdades, evitar a manipulação e restabelecer a ordem e a paz.

Onde é que já ouvimos isto, CAMARADAS?

Quem é que há um ano dizia que a ordem e a paz social estavam ameaçadas?

Quem é que há um ano deu o seu apoio à manifestação da maioria silenciosa sob a capa da ordem, da paz, da liberdade?

Quem foi CAMARADAS?

Quem é que agora prende os militares progressistas, reprime violentamente os deficientes das FA, cria a nova polícia de choque — o AMI — tentar calar a voz dos trabalhadores?

Mas a resposta não se fez esperar. Os trabalhadores do RCP reunidos em plenário e apoiados pelos nossos CAMARADAS, encarregados de ocupar aquela emissora, não aceitaram as medidas impostas pelo CR e pela PR e continuam a manter as suas emissões sem censura.

CAMARADAS

Mais uma vez a burguesia e os militaristas tentam utilizar-nos a nós, soldados e marinheiros, como instrumentos que sirvam os seus interesses reaccionários. Mas nós já mostrámos a nossa vontade de unidade e de luta no dia 10 de Porto e no dia 25 em Lisboa, assim como já mostrámos a nossa firme determinação de não permitirmos a disciplina e repressão militaristas ao libertarmos os nossos dois camaradas presos na Trafaria e mostraremos agora que não estamos dispostos a virar as nossas armas contra os nossos irmãos trabalhadores recusando-nos a reprimir os trabalhadores da informação.

Um ano depois do 28 de Setembro os reaccionários não podem continuar à solta.

Reforcemos a nossa vigilância revolucionária.

Hoje, mais do que nunca, cada um de nós tem de estar atento.

Cada um de nós deve denunciar os militares reaccionários que hoje conspiram nas unidades.

SUV (SOLDADOS UNIDOS VENCERÃO)
29/9/75



ADFA O decreto cá para fora, já !

A luta dos deficientes das Forças Armadas, que neste momento tem como questão central a aprovação de um projecto de decreto-lei elaborado conjuntamente pelos próprios deficientes e entidades responsáveis, continua.

A situação, definida pela ADFA como «tudo gravita neste momento à volta do projecto de decreto-lei», agudizou-se no último fim de semana tanto em relação à justa luta dos deficientes das F. A., que foram atacados por chaimites às ordens do Governo repressivo de direita (e logo bem secundadas pelo representante fascista no interior do Regimento de Comandos Jaime Neves), como no que toca à situação política global. O que, como se vê e compreende, não deixa de estar relacionado.

Sobre este ponto a ADFA em conferência de imprensa destacou bem que os soldados dos comandos ao verem para o que saíram à rua, a repressão dos deficientes seus ex-camaradas fardados, se solidarizaram com estes referindo que não sabiam ao que vinham

e que nunca virariam as armas contra os seus camaradas oprimidos ex-soldados.

Assim foi, e só a chegada inesperada e violenta dos chaimites conseguiram os intentos repressivos do seu «comandante». Este aliás revelou bem o que pensa dos soldados ao dizer que os deficientes, ex-trabalhadores fardados, «parece não precisarem das suas cadeiras, muletas ou próteses». Os soldados dos comandos não podem ficar indiferentes a um tal cinismo em relação a uma situação que pode vir a ser a deles próprios, deficientes por ferimento enquanto trabalhadores fardados. Maior soberania de «comandantes» reaccionário ainda dentro do quartel não se poderia revelar: o desprezo pela situação de ex-soldados, inabilitados enquanto tal.

Como diz a ADFA em comunicado sobre os acontecimentos: «No sabemos, mas sabemos demasiado tarde, que infelizmente a muitos senhores coronéis e generais os filhos do povo fardados só interessam enquanto peças válidas de uma máquina destruidora. Uma vez destruídos os seus

próprios soldados, recebem estes o abandono, o esquecimento, a frieza. Mas se assim não fosse não teria razão de ser a nossa luta.»

Sobre o encontro nessa mesma noite com Pinheiro de Azevedo, referiu a ADFA o tom insultuoso, teatral, de que o mesmo se revestiu por parte do Primeiro-Ministro. Este disse que o Governo estava dimitido, que já não havia ministros, que não falava já na qualidade de Primeiro-Ministro, que o Povo Português era um povo de merda e o que precisava era de chicote, que os deficientes não representavam nada neste país, que haviam era de vir pedir à Pide pois agora só um Governo de direita, que o Governo eram eles, os deficientes e que decidissem o que entendessem, retirando-se de seguida.

«Marginalizados pelo Primeiro-Ministro ao lutar contra a marginalização» conclui a ADFA, que referiu depois as relações entre os deficientes, ex-militares, com os soldados, que se intensificaram durante este período de luta.

Concluíram que o projec-

to de decreto-lei é bastante positivo para esta fase de transição, se bem que venha depois a precisar de ser revisto, por exemplo no que toca a se preverem pensões maiores para os oficiais em relação aos soldados, ponto que aliás desde já contestam.

«A luta dos deficientes das FA, que assumiu proporções de âmbito nacional, fez tremer, mas não abalar, os propósitos de um Governo que pretende assentar os seus pilares sobre a miséria e exploração do povo. Perante isso, havia que neutralizar os deficientes, não discutindo com eles e depois aprovando o projecto de decreto-lei, antes apresentando-os à nação como fomentadores de um clima de intranquilidade e receio, directos responsáveis por uma crise política.

(...) Os deficientes das FA declaram solenemente que a sua luta assentou e assenta apenas na determinação férrea de se libertarem das garras da caridade, da subsistência através da esmola e deixarem de ser, de uma vez para sempre, sustentáculos de uma burguesia exploradora.»



A SITUAÇÃO ACTUAL, OS REVOLUCIONÁRIOS E O VI GOVERNO

1. O justo combate a um Governo de pactuação social-democrata teve o seu ponto mais alto na jornada de luta do dia 29 de Setembro.

A ocupação das emissoras de Rádio e de TV por forças militares às ordens de Pinheiro de Azevedo constituiu uma provocação a todas as lutas dos trabalhadores, à afirmação crescente da determinação revolucionária das massas e da unidade revolucionária dos trabalhadores e dos soldados.

A enorme mobilização popular que acompanhou a primeira manifestação dos S.U.V. em Lisboa, a presença esmagadora de dezenas de milhar de soldados e marinheiros, sob o lema «Soldados, sempre, sempre ao lado do Povo» nessa manifestação, a crescente radicalização das formas de luta contra o VI Governo, causam as maiores apreensões a todos quantos ambicionavam destruir as conquistas do povo trabalhador e salvar os interesses exploradores da burguesia e do imperialismo internacional no nosso país.

A demagogia «socialista» dos políticos social-democratas do VI Governo tinha inevitavelmente que recorrer à repressão como efectivamente o tentaram fazer na manhã de 29 de Setembro.

Utilizando tropas sob o comando de oficiais «de confiança» desencadearam a operação de ocupação das emissoras de Rádio e TV. Para salvar «as liberdades» e para «não declarar o estado de emergência» a acção desencadeada era o primeiro passo para atingir o objectivo fundamental da direita social-democrata e fascista: **silenciar a voz e as lutas dos operários, abrindo o caminho para a imposição da tal ordem e disciplina que mais não serviria do que para restaurar a opressão capitalista e abrir de par em par as portas ao fascismo.**

2. A resposta popular não se fez esperar. O apelo do Secretariado Nacional e dos Partidos Revolucionários da F.U.R. à pralisação de trabalho e à manifestação de rua que foi seguido por milhares e milhares de trabalhadores que em toda a cintura industrial de Lisboa pararam o trabalho, reuniram em Plenário, discutiram e aprovaram formas de luta e vieram em massa para o Rossio exigindo a imediata desocupação das emissoras.

As posições firmes dos trabalhadores das emissoras seguindo o exemplo dos seus camaradas do Rádio Clube Português que corajosamente deixaram de transmitir o comunicado da Presidência da República e transmitiram o apelo à concentração popular no Rossio do Secretariado da F.U.R. e um comunicado do M.E.S., foram um factor decisivo que permitiu compreender à maioria dos militares das forças

ocupantes a verdadeira natureza desse acto. **Uma a uma, todas forças militares desobedeceram colectivamente aos comandos reaccionários e apoiaram a firme posição dos trabalhadores das emissoras.**

Soldados, sempre, sempre ao lado do povo! A operação falhará!

3. O dia 29 de Setembro tem, pois, um significado muito importante.

A direita procura desesperadamente defender o VI Governo e o Primeiro-Ministro. Liderada pelo partido de Soares, ei-la pronta a jogar tudo por tudo para salvar a sua «ordem», as suas «liberdades», o seu salvador» de circunstância — Pinheiro de Azevedo.

Mas um grande passo foi dado no próprio terreno da luta.

A F.U.R. assumiu uma liderança evidente, ao chamar as massas para a rua e ao dirigir os esforços no terreno da luta. Face ao silêncio comprometedor do P.C.P. e à marginalização completa das organizações ditas marxistas-leninistas, **foi a F.U.R. que decididamente alertou as massas trabalhadoras sobre a natureza efectiva da manobra de Pinheiro de Azevedo, chamando à luta a classe operária, os trabalhadores e os revolucionários.** Assim o senti também o partido de Soares que na manifestação reaccionária do dia seguinte lançou a palavra de ordem «F.U.R. escuta, o povo está em luta»...

4. Há pois que prosseguir a contra-ofensiva popular. Nem um palmo de terreno pode ser dado aos reaccionários.

A desagregação institucional do M.F.A. não será recuperada pela direita se soubermos prosseguir o trabalho de unificação da vanguarda política do processo revolucionário. Consolidada a F.U.R., articulando mais profundamente os órgãos de poder popular entre si e com as forças revolucionárias, aprofundando a organização autónoma dos soldados criaremos a direcção revolucionária e a mobilização popular capazes de assegurar o êxito da luta contra o VI Governo, por um Governo de Unidade Revolucionária.

Essas são as tarefas dos revolucionários no momento presente, como temos vindo a definir.

A hora é de acção:

Contra o fascismo, contra o capital, ofensiva popular!

Abaixo o VI Governo Provisório!

Em frente na luta por um Governo de Unidade Revolucionária!

Soldados e marinheiros, operários e camponeses, unidos venceremos.



Esclarecimento necessário

O MES foi surpreendido pela notícia de que decorria ao fim da tarde do dia 27 de Setembro uma rusga às instalações da sua sede em Santarém por parte de forças militares.

De imediato se procedeu no local ao esclarecimento das razões que teriam motivado a acção dessas forças.

Veio a apurar-se que um aderente do MES que o comunicado do Copcon designa, por destacado elemento sem ter para tal consultado as estruturas dirigentes do movimento, era acusado de ter participado num assalto a uma casa de jogo em Alcobaça, depois do qual se teria dirigido à sede local da MES. O MES, que sempre falou claro, declarou em primeiro lugar que não tem qualquer responsabilidade nessa acção, já que nenhum órgão dirigente ou responsável do Movimento dele tinha previu conhecimento.

O MES repudia qualquer tentativa de exploração, a que o comunicado do Copcon dá cobertura, por parte das forças reaccionárias de factos que possam ser da exclusiva responsabilidade pessoal de um elemento a cujas actividades foi de imediato aberto um inquérito.

O MES repudia a ligação que o comunicado do Copcon estabelece entre acções que define como assaltos e apreensão do que designa por material de guerra.

O MES considera sem prejuízo dos resultados do inquérito em curso, dever desde já chamar a atenção para os seguintes factos:

1.º — O comunicado tornado público pelo Copcon foi estranhamente pressionado pela Escola Prática de Cavalaria de Santarém, a que pertencerá a força militar que passou busca à sede local do MES.

2.º — Não houve qualquer contacto entre o Copcon e a Direcção Nacional do MES antes da publicação do lamentável comunicado das autoridades;

3.º — A busca levada a efeito surge tomando como pretexto ocorrências que não houve o cuidado de averiguar anteriormente, mostrando a clara intenção de explorar uma situação não esclarecida para atacar uma organização da esquerda revolucionária.

O MES responderá consequentemente a todas as provocações venham elas de onde vierem. Manter-se-á firme e vigilante face às manobras das cliques militares, incentivando e dando todo o seu esforço à ofensiva popular de massas que porá cobro a todas as arbitrariedades do poder burguês.

Lisboa, 28 de Setembro de 1975
Secretariado da Comissão Política Nacional

ASSINATURA

Poder Popular

6 meses 100\$00

12 meses 200\$00 I.I

apoio 400 \$ 00

estrangeiro Europa 500\$00 I.I

Nome

Morada

Localidade

Profissão

ENVIO CHEQUE N.º BANCO

ENVIO VALE DE CORREIO N.º

Esquerda Socialista

um material essencial de reflexão política sobre a evolução do processo revolucionário e do próprio MES

os 38 números

— 75\$00 —

Poder Popular

jornal semanal — todas as 1.ª feiras

Propriedade do Movimento de Esquerda Socialista

Administração - Redacção Av. D. Carlos I - 128, Lisboa telefone 66 26 82

Composição e impressão Renascença Gráfica S.A.R.L. Rua Luz Soriano, 44 - Lisboa

À medida que os ideais socialistas são traídos, por Governos como este, podemos dizer que o movimento operário e popular é um RIO que sob uma tempestade de traições, aumenta o seu caudal que afogar aqueles que o querem traír e secar!

Nas comemorações do «28 de Setembro» realizou-se em Faro uma grande manifestação com a presença de milhares de pessoas. Convocada pelas Comissões de Trabalhadores e Comissões de Moradores, ela obteve imediata adesão da FUR e posteriormente do PCP e UDP.

A manifestação que decorreu com grande fervor revolucionário, iria terminar junto da sede de uma das Comissões de Moradores, onde representantes das CMs e das CTs usaram da palavra. Pelo seu significado, «Poder Popular» reproduz extractos significativos destas intervenções.

INTERVENÇÃO DAS C. MORADORES

CAMARADAS:

A presença de todos nós nesta manifestação, prova suficientemente que o 28 de Setembro de 74 foi uma grande vitória para as classes trabalhadoras, para as massas populares e sobretudo para todos os revolucionários deste País.

Por isso estamos hoje aqui reunidos!

Temos que recordar que se comemora hoje um ano em que os spinolistas e todas as forças de direita — lacaios do fascismo e da reacção capitalista — tentaram pela primeira vez em Portugal travar a nossa luta para o socialismo.

Por isso estamos aqui!

Entretanto o espírito revolucionário no seio da classe operária foi ganhando mais força, enquanto que nos gabinetes, alguns militares pariram o chamado «documento dos 9» — um documento social-democrata debaixo do qual se acotaram os oficiais direitistas servindo também de apoio, como não podia deixar de ser, às forças que defendem o chamado socialismo em liberdade.

O «documento dos 9», teve imediata resposta de um grupo de oficiais revolucionários do Copcon, que apresentaram um projecto mínimo para o socialismo, onde estavam defendidos os interesses dos explorados e oprimidos deste País, onde se defendia o Poder Popular, caminho certo para o Socialismo. Como se sabe, camaradas, o documento dos oficiais revolucionários do Copcon, teve largo apoio por todo o País.

Também nós o apoiámos.

Contra a vontade dos trabalhadores, os nove e as forças de direita que os apoiaram, conseguiram levar por diante os seus pontos de vista os quais apenas defendem os interesses da burguesia, que neste momento são bem visíveis no Conselho da Revolução donde foram saneados muitos oficiais progressistas, e do VI Governo Provisório que é um Governo declaradamente de direita.

A todas estas manobras e traições é preciso dizer NÃO.

Por isso estamos aqui!

Portanto não devemos apoiar este Governo, pois ele é um instrumento do capital para impôr ao Povo trabalhador uma democracia burguesa e falsa, sem qualquer futuro que não seja a transição para o fascismo.

Mas a classe operária e os trabalhadores firmes na luta não pararão na sua ofensiva;

— não pararão de lutar pela revolução socialista na sua Pátria.

Para isso camaradas, é necessário que nos organizemos cada vez mais e melhor em torno dos nossos organismos de classe; que nos organizemos mais e melhor em torno dos órgãos de Poder Operário Popular; — que nos organizemos

FARO o poder popular na rua no "28 Setembro"



mais e melhor, dentro das unidades militares; é necessário cimentar cada vez mais a nossa unidade de operários, de camponeses, de pescadores, de soldados e marinheiros. Em suma, a nossa unidade de explorados e oprimidos, erguendo assembleias populares por toda a parte.

É necessário levar à prática o controle operário, pois aqui já se começa a pôr termo à exploração capitalista.

Camaradas, é urgente termos a noção precisa de que o nosso trabalho de organização e de unidade, requer grande esforço, leva tempo e não se compadecer com estúpidos sectarismos.

Temos igualmente que ter presente que a classe operária é a única classe verdadeiramente revolucionária, cabendo-lhe portanto as maiores responsabilidades nas tarefas de organização e de condução de todo este processo a caminho da Revolução Socialista.

VIVA A CLASSE OPERÁRIA E SEUS ALIADOS
VIVAM OS ÓRGÃOS DE PODER POPULAR
FORA COM O GOVERNO DE DIREITA
REACCIÓNÁRIOS FORA DOS QUARTEIS
VIVA O PODER POPULAR



INTERVENÇÃO DAS C. TRABALHADORES

CAMARADAS!

Faz hoje um ano que as massas trabalhadoras Portuguesas obtiveram uma grande vitória sobre as forças fascistas.

Essa vitória ficará na história como a primeira demonstração da capacidade de luta e consciencia de classe dos trabalhadores Portugueses após o 25 de Abril.

Depois dessa, outras batalhas se ganharam, como por exemplo a do 11 de Março em que as forças populares na rua se opuseram com êxito a mais outra golpaça Spinolista.

E quando se diz que novas batalhas surgirão, queremos dizer que o momento é de luta, queremos dizer que agora, mais que nunca, temos que cerrar fileiras, e combater deliberadamente pela verdadeira revolução Socialista.

CAMARADAS!

No Chile, foram necessários três anos para que a Bandagem fascista através do esbirro Pinochet afogasse em sangue o povo Chileno.

Aqui em Portugal já se passaram 18 meses desde o 25 de Abril e não faltam por aí candidatos a Pinochet.

Nós dizemos que em Portugal não há Pinochet que passe. Nós dizemos que todos aqueles que arditosamente vem com falinhas mansas defendendo os Socialismos em liberdade, que não passarão.

Nós dizemos a todos aqueles que não querem o poder popular, que não passarão. Nós dizemos a todos aqueles que tem horror ao poder e à organização das massas populares, que NÃO PASSARÃO.

Mas nós, os trabalhadores Portugueses, sabemos o que fazer para que jamais a nossa querida Terra, a nossa Pátria querida, caia como caiu o Chile, no mais vergonhoso regime que o Mundo suporta!

CAMARADAS!

Todos estes falsos democratas e carreiristas defendem a repressão militarista dentro dos quartéis tentando assim calar a voz das A. D. U.s revolucionárias (Assembleias de delegados de unidade) e a organização dos Soldados, tentando fazer com que estes não se liguem aos trabalhadores civis porque ao fazerem-no esses mesmos falsos socialistas sabem que então seremos indestrutíveis. É por isso camaradas, que é mais que justa a nossa palavra de ordem;

REACCIÓNÁRIOS FORA DOS QUARTEIS, JÁ!

Para conseguirmos os objectivos que a classe operária se propõe, nunca é demais falarmos de organização; é por isso que dizemos camaradas, que tem que haver UNIDADE revolucionária, unidade revolucionária das comissões de trabalhadores, moradores e assembleias de delegados de unidade, organizações autónomas de soldados e marinheiros, forças que dão força à justa palavra de ordem:

TRABALHADORES MORADORES SOLDADOS MARINHEIROS ASSEMBLEIAS POPULARES!

A unidade revolucionária deve igualmente reforçar-se em torno das organizações verdadeiramente revolucionárias que demonstram estar ao lado dos explorados e oprimidos.

Não tem lugar aqui, os conciliadores que mais não fazem que por a classe operária a reboque dos interesses da burguesia, traíndo a classe revolucionária nos momentos decisivos.

AVANÇAR ARMAR CRIAR PODER POPULAR!
REACCIÓNÁRIOS FORA DOS QUARTEIS, JÁ!
TRABALHADORES, MORADORES, SOLDADOS E MARINHEIROS ASSEMBLEIAS POPULARES!
VIVA PORTUGAL!

A grande manifestação da FUR

No dia 28 de Setembro de 1974 a burguesia tentou realizar um golpe que visava assegurar que o «processo revolucionário» então iniciado servisse docilmente a reconversão do sistema capitalista, mantendo a exploração do povo ainda que com um rosto mais humano.

Hoje, um ano volvido, no momento em que a burguesia lança uma poderosa ofensiva no sentido de recuperar o terreno que teve de ceder aos trabalhadores em luta, procurando criar as condições que lhe permitam manter a exploração e opressão sobre o povo trabalhador, neste momento torna-se indispensável unir os revolucionários para derrotar a social-democracia, esmagar o fascismo e fazer a Revolução.

Este o espírito com que dezenas de milhares de trabalhadores revolucionários corresponderam ao apelo da FUR, desfilaro até ao Parque Eduardo VII onde teve lugar um curto comício.

Posteriormente a manifestação seguiu até S. Bento em apoio à luta dos deficientes das Forças Armadas que ali se encontravam.

A seguir reproduzimos a intervenção aos manifestantes feita por Afonso de Barros em nome da FUR:

Camaradas:

A burguesia julga que reforçando as suas posições nos órgãos de poder (Governo e MFA) poderá a partir daí estender a sua ofensiva reaccionária contra as conquistas fundamentais da classe operária e do povo trabalhador. Julga que lhe será fácil reconstruir a odiosa exploração e opressão capitalistas no nosso país. Mas enganase!

Ainda não foi capaz de aprender que os trabalhadores não vacilam na dura luta que vêm travando. Não lhe chegaram as lições do 28 de Setembro e do 11 de Março. Pois bem!

As massas trabalhadoras estão a demonstrar ao seu inimigo de clas-

ses que não abdicam das conquistas alcançadas e que estão dispostas a avançar com decisão para liquidar de vez o capitalismo.

A viragem à direita ao nível dos órgãos de poder, teve o grande mérito de tornar claro para quem ainda tinha dúvidas, que é no terreno da luta de massas que as vitórias dos trabalhadores se alcançam e que o avanço para o socialismo se concretiza. Teve grande mérito de tornar claro para todos, que não é ficando parados e confiando em governos provisórios de coligação ou no MFA, que os trabalhadores poderão ter os seus problemas resolvidos.

Camaradas: As gran-

des jornadas de luta dos últimos dias, aqui, no Porto e noutros pontos do País, representam apenas o começo da nossa resposta à burguesia reaccionária. Novos e mais duros e decisivos combates nos esperam.

Dizem os derrotistas os hesitantes e os traidores que não existe força suficiente para derrotar a burguesia e fazer a Revolução. Aconselham-nos a que façamos uma pausa. O que todos eles sentem é que a Revolução Socialista está bem próxima e tudo fazem para a contrariar. O que todos eles querem é defender os privilégios grandes ou pequenos, de que desfrutam e que sabem ameaçados pela avalanche irresistível da vontade popular. O que querem os derrotistas, os hesitantes e os traidores é justificar o seu próprio medo e a sua própria incapacidade.

Alguém tem dúvidas que a classe operária, os trabalhadores mais os soldados e marinheiros querem a Revolução? Não as temos nós, camaradas, e também já não as têm os nossos inimigos.

Camaradas: A força para fazer a Revolução socialista existe e avança como uma vaga irresistível. Na firme caminhada para a Revolução não precisamos de

ficar à espera dos indecisos, dos medrosos, de todos os que estão agarrados aos seus mesquinhos privilégios. Precisamos, sim, de unir os operários, trabalhadores rurais, os soldados e marinheiros. Precisamos, sim, de ganhar para a Revolução os camponeses pobres. Precisamos, sim, de manter ao nosso lado os sargentos e oficiais progressistas e revolucionários.

Mas como unir os operários, os assalariados agrícolas, os soldados e marinheiros? E como construir a aliança entre a classe operária e os camponeses pobres?

Não será com palavras, com belos discursos e com promessas que o conseguiremos.

É lutando pela construção do Poder Popular. É reforçando as Comissões de Trabalhadores, as Comissões de Moradores e os Conselhos de Aldeia já existentes. É criando estes órgãos nas fábricas, bairros e aldeias onde ainda não existem. É ligando entre si estes órgãos, coordenando-os através de Assembleias Populares. É lutando por ligar o campo à cidade através do contacto directo das cooperativas agrícolas e dos Conselhos de Aldeia com as Comissões de Trabalhadores e Moradores. É criando uma indes-

trutível ligação das organizações democráticas dos soldados e marinheiros com as comissões de trabalhadores e moradores.

Camaradas: Para que o Poder Popular adquira toda a sua força, é indispensável que combatamos com o máximo vigor e sem dar tréguas o VI Governo Provisório, que é um Governo da burguesia, um Governo contra o Poder Popular, e que lutemos decididamente por um Governo de Unidade Revolucionária. O Governo que terá de ser constituído pelas organizações políticas verdadeiramente empenhadas na defesa dos interesses dos trabalhadores e que lutam pelo Socialismo; Governo cujo programa terá de conter os objectivos seguintes:

— criar condições para o rápido reforço e generalização do Poder Popular e sua centralização na Assembleia Popular Nacional;

— avançar no aprofundamento e generalização da Reforma Agrária com vista a satisfazer revolucionariamente as necessidades e justas aspirações dos trabalhadores rurais e dos pequenos e médios agricultores;

— apoiar o desenvolvimento do controle operário sobre a produção e do controle do povo trabalhador sobre toda a

economia;

— lutar pela Independência Nacional face ao imperialismo, o que torna necessário a imediata nacionalização do comércio externo;

— lançar as bases na planificação socialista da economia, única forma de assegurar o pleno emprego e combater a carestia de vida.

Camaradas: O processo revolucionário só avançará e os objectivos essenciais que temos de alcançar só se atingirão se os revolucionários forem capazes de vencer o sectarismo e unir os seus esforços. Neste momento crucial de vitória ou derrota, neste momento em que temos de avançar com decisão e firmeza, não o podemos fazer desordenadamente e à toa. E para isso, camaradas, só existe um caminho: o da Unidade dos revolucionários, de conjugarmos as nossas forças numa Frente de Unidade Revolucionária. É por isso que lutamos, camaradas. É para isso que todos temos de lutar implacavelmente, sem desfalecimentos.

Camaradas.

AVANTE PELA FRENTE DE UNIDADE REVOLUCIONÁRIA!

VIVA O PODER POPULAR!

VIVA A REVOLUÇÃO SOCIALISTA!



no "28 de Setembro"

CONTRA OS FASCISTAS, OS CAPITALISTAS E OS FALSOS SOCIALISTAS



A direita que por enquanto entrega a direcção dos acontecimentos à social-democracia, continua a pôr em prática metódica e firmemente o seu plano, cuidadosamente traçado, de reestruturação da opressão e exploração, do povo trabalhador, em seu proveito.

Neste momento, nos órgãos superiores do Estado, estão sentados «os nove», os PS e os PPD.

Desde há meses, desde que a exploração capitalista foi frontalmente posta em causa, desde que o poder popular se foi afirmando cada vez mais, estes senhores desataram num berreiro que demagogicamente falava em «defesa das liberdades», em «liberdade de informação», e até em «socialismo».

Os «nove» diziam representar uma alternativa de esquerda. Apresentaram-se, de facto, com um paleio que visava enganar os menos conscientes, os mais distraídos.

Agora de posse dos órgãos de poder, o que fazem? Talvez em nome da liberdade de imprensa

(?) o Conselho da Revolução (ou da repressão?) restaura a censura quanto a assuntos militares, visando criar as condições que permitissem fazer no silêncio a «reorganização» — em termos capitalistas, claro — das FA.

Ainda talvez também em nome da liberdade, dois soldados são presos na EPI por terem em seu poder um panfleto dos SUV... Não há dúvida de que esta liberdade é a liberdade dos fascistas. É a liberdade dos exploradores.

Seguidamente, talvez em nome do socialismo (?) os senhores do CR criam um Agrupamento Militar de Intervenção que mais não é do que o ressuscitar da sinistra polícia de choque, para reprimir as lutas dos trabalhadores. Para já contaria, pelo menos, com uma unidade comandada por um assassino — Jaime Neves.

Os contornos do golpe de direita vão-se lentamente definindo. O passo seguinte desta «transição pacífica para o fascismo» é a ocupação das emissoras de rádio. Tudo estava cuidadosamente previsto. A CIA participou, Franco apoiou. Melo Antunes, Soares, Sá Carneiro, Amaral e Alpoim Galvão executam.

Só que estes senhores que mais não pretendem que continuar a viver do suor da classe operária, encontram pela frente uma força organizada, enorme, invencível. A força dos explorados e oprimidos, o Poder Popular. Eles aprenderão (e estão já a aprender!) que sem os operários não há fábricas nem máquinas, que sem os camponeses para nada servem arados e latifúndios, que para manejar as «G3» e os «cháimites» são necessários soldados e marinheiros, pois os generais passam a meros palhaços quando os soldados se riem deles.

Eles aprenderão (e estão já a aprender) que os soldados estão sempre ao lado do povo, que as armas dos soldados não se viram contra o povo, que operários e camponeses, soldados e marinheiros, unidos os esmagarão.

Rápida, firme e decisiva tem sido a resposta das massas trabalhadoras a todas as medidas deste VI Governo de traição e do Conselho da Contra-Revolução.

Deste modo, nem uma das medidas repressivas, nem uma das provocações reaccionárias foi avante. A lei de censura veio a ser revogada alguns dias depois de criada, por uma razão muito simples: ninguém se deixou intimidar, ninguém lhe obedeceu.

SUV VENCEU — SUV VENCERÁ

As ordens do reaccionário que comanda a EPI de Mafra de prisão dos dois soldados foram postas em causa dentro da própria unidade. Os soldados reuniram na parada, gritaram reaccio-

nários fora dos quartéis! e dirigiram-se à cadeia para os libertar. A intervenção dos oficiais reaccionários que tentaram opor-se fisicamente não amedrontou os soldados que souberam opor à violência reaccionária a sua justa força dos explorados. Os soldados só não foram libertados porque tinham sido transferidos para a Trafaria. Mas nada se perdeu com a demora!

As massas populares na rua, na grandiosa manifestação de quinta-feira, enquadradas por cerca de dez mil soldados, resolveram, em imparável manifestação de poder, tomar nas suas mãos a resolução deste problema. Foram utilizados os meios necessários (50 autocarros da Carris) venceram-se todos os obstáculos que surgiram. Milhares de pessoas decididas a fazer o que fosse necessário reuniram-se na Trafaria e libertaram os soldados, apesar da resistência do oficial que estava a comandar o forte que chegou a pedir a ajuda dos Comandos.

Foi uma enorme vitória e prova da força titânica da organização dos soldados.

No fim todos gritámos — SUV venceu — SUV vencerá.

O CAPITAL QUER REPRIMIR

Quando o CR anunciou a criação de um Agrupamento Militar de Intervenção ninguém teve dúvidas sobre o significado daquele golpe.

Quem estaria disposto a ser polícia de choque da burguesia?

Falava-se em várias unidades. Mas a manifestação dos SUV, bem presente em todos os espíritos, mostra bem a consciencialização dos soldados que não se deixarão manejar e ser lançados contra os seus irmãos trabalhadores de fato macaco.

Contar com os fuzileiros para reprimir o povo? — é ridículo! — os soldados do RIOQ também já mostraram que estão com a luta dos trabalhadores. Os pára-quadistas enganados uma vez pelos seus comandos reaccionários no 11 de Março, estão já de sobreaviso. Também na EPC há muito quem não esteja disposto a servir os exploradores.

Sendo assim, pergunta-se — que pode o fascista Jaime Neves e os seus 400 Comandos contra as massas trabalhadoras e as massas de soldados? Na própria noite da formação do AML, os delegados da Região Militar de Lisboa, integrando cerca de 20 unidades, reuniram-se e deliberaram que tal Agrupamento, tendo finalidades repressivas e visando assegurar a ditadura do capital, é contrário aos interesses da Revolução pelo que a sua criação não pode ser permitida.

RESTAURAR A DISCIPLINA BURGUESA

Deste modo, os senhores que pensaram que através dum golpe palaciano acabariam com a Revolução, entram em pânico.

Estão no Governo mas não no Poder. «Ninguém nos obedece» grita o rei louco, sem querer compreender que quando isto acontece o defeito não está nos súbditos mas nos governantes.

Os Nove querem disciplinar! Eles que quando deram o seu golpe achavam «muito legítimo» desobedecer a todas as ordens (sobretudo se visavam fazer avançar a Revolução).

Alguns reaccionários que se encontram à frente de várias unidades, por exemplo, se preocupam com a «coesão e disciplina» das Forças Armadas quando se tratou de afirmar pública e insolentemente a sua desobediência ao brigadeiro Corvacho, seu legal superior?

Era para garantir a «disciplina» no Exército que Charais faria ultimatos ameaçadores?

E as tomadas públicas de posição de Moraes e Silva eram «disciplinadas»?



A FUR E O 28 DE SETEMBRO

Face à ofensiva da direita, e relembrando o frustrado golpe de há um ano, a FUR convocou uma grande manifestação para a Praça do Comércio, no 28 de Setembro.

Muitas dezenas de milhares de trabalhadores gritaram, Av. da Liberdade acima, o seu repúdio ao VI Governo e a todos quantos querem destruir o processo revolucionário de libertação dos trabalhadores — Fascismo, capitalismo, ELP, ou social-democracia. E o seu apoio à justa luta dos deficientes das FA (desta manifestação fazemos mais desenvolvida reportagem noutra local).

O 29 DE SETEMBRO

Face à crescente organização e mobilização das massas trabalhadoras e dos soldados, as forças reaccionárias tentam mais uma manobra desesperada — Pinheiro de Azevedo dá ordem de ocupação das emissoras de rádio e TV.

Imediatamente as organizações revolucionárias passam à acção. Paralisação das fábricas e concentração no Rossio para exigir a desocupação forma as palavras do MES e da FUR.

O Secretariado da Comissão Política Nacional do MES emitia às 8.30h o seguinte comunicado:

NAS FÁBRICAS, NAS EMPRESAS MOBILIZEMO-NOS PARA O COMBATE TODOS À RUA!

Na sua escalada contra as conquistas revolucionárias das massas populares, o VI Governo que mais não é do que um Governo de submissão ao imperialismo e de salvação do capitalismo, um Governo contra o Poder Popular e o povo trabalhador, juntamente com o Conselho dito da Revolução que, completamente dominado pelos oficiais direitistas e social-democratas, é neste momento muito mais o Conselho da Contra-Revolução, acabam de tomar uma medida provocatória para com os revolucionários, os trabalhadores explorados e os militares progressistas: ocuparam com forças militares as emissoras e a Televisão!

O pretexto: «liberdades ameaçadas» e o ameaço «para não declarar o estado de emergência».

O fim: silenciar a voz e as lutas dos operários, dos trabalhadores, dos soldados e marinheiros, abrir o caminho para a imposição da tal ordem e disciplina que mais não serviriam do que para restaurar a opressão capitalista e abrir de par em par as portas ao fascismo!

Esta acção contra-revolucionária não pode passar!

Todos às emissoras ocupadas exigir a saída das forças militares ocupantes!

Todos à rua para responder golpe a golpe à social-democracia que tudo o que pode dar ao povo trabalhador é a repressão e o fascismo!

CONTRA O FASCISMO CONTRA O CAPITAL OFENSIVA POPULAR

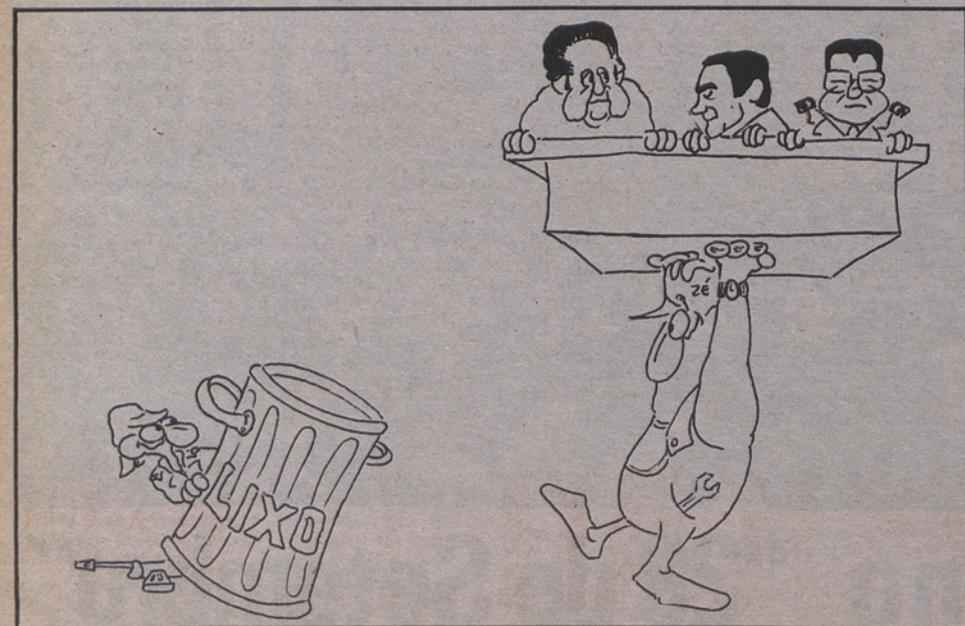
Note-se que desde o início desta operação reaccionária, a resistência dos revolucionários se fez sentir. No RCP os trabalhadores recusaram-se a cumprir as ordens, mantendo-se no ar e emitindo noticiários denunciando estas medidas.

Os soldados do RIOQ enviados para o local solidarizaram-se com os trabalhadores. E de nada valeu a ordem assinada pelo general Saraiva de Carvalho, de evacuar os trabalhadores do RCP. Contra os soldados e as massas trabalhadoras, nada podem os generais!

Entretanto, milhares de trabalhadores acorriam ao apelo da FUR concentrando-se no Rossio. Cerca das 14 horas, sob chuva intensa, uma grande manifestação dirigiu-se à Rádio Renascença para exigir a sua desocupação.

Ai chegados, um oficial de megafone disse aos manifestantes «estar ali por ordem do gen. Otelo pelo que as forças de esquerda podiam estar des-cansadas» (!).

Continua na pág. 8



OFENSIVA POPULAR !



O GOLPE DA DIREITA NÃO PASSARÁ!

Continuação da pag. 7

No entanto foi imediatamente reconhecido e desmascarado — era o capitão Maurício do CIAAC, oficial reaccionário ligado aos «nove», que ainda há poucos dias disparou sobre os militantes do MES quando, numa parede perto do quartel, faziam inscrições sob o tema — **reaccionários fora dos quartéis, já!**

Eram cerca de 15 h quando os soldados do CIAAC presentes, se reuniram e decidiram aderir à luta dos trabalhadores da RR, e pôr-se a seu lado.

Também os soldados da EPAM que ocuparam a RTP e os pára-quadistas, na EN, se viriam a declarar ao lado dos trabalhadores.

E é de referir, em todos os momentos, a acção incansável da PM ao lado e ao serviço do povo e da revolução.

As 16 h realizar-se-ia no Palácio Foz uma reunião entre o gen. Otelo e Comissões de trabalhadores das emissoras ocupadas.

Deste modo, o Secretariado da FUR lançou a palavra de ordem de concentração no Rossio.

Dezenas de milhares de trabalhadores foram acorrendo a este local. Da cintura industrial de Lisboa (margens Norte e Sul) iam chegando em sucessivas manifestações operários das maiores empresas da zona.

Nesta altura, para além da FUR, já também a UDP empenhava esforços na convocação das massas populares para o Rossio.

Muito estranho e notado era o silêncio do PCP. Como pode uma organização que se diz comunista ficar calada face ao golpe da direita? O PC, preso nos seus compromissos e contradições, deixava assim sem direcção os trabalhadores que alinhavam sob a sua bandeira. **Será isto uma prática revolucionária?** E alguns centros de trabalho encarregaram-se mesmo de desmobilizar os trabalhadores. Afinal — perguntamos — de que lado está o PCP?

Durante horas as massas trabalhadoras mantiveram-se no local exigindo a resposta às suas justas exigências — desocupação imediata das emissoras, que deveriam ficar a funcionar como antes. A certa altura foi dado um prazo máximo de meia hora para a resposta e exigida a presença de Otelo à janela para esse efeito.

O gen. veio, de facto, falar aos manifestantes, mas para afirmar que ainda acreditava nos órgãos constituídos e que se devia dar tempo ao Governo para se afirmar.

A natural indignação que estas palavras provocaram nos trabalhadores reunidos levaram-no a afirmar que tinha autoridades acima dele pelo que a exigência teria de ser feita ao Conselho da Revolução em Belém, já que lhe não tinha poderes para decidir.

Após isto realizou-se uma reunião deste militar com o Sec. da FUR, um elemento da UDP e alguns operários em representação das empresas presentes. Os elementos da FUR definiram a sua posição — **exigir a imediata revogação do decreto reaccionário de Pinheiro de Azevedo e afirmar o seu repúdio por um Governo e um CR que já demonstraram terem por único objectivo manter o nosso país sob o domínio do capital.**

REFORÇO DA ESQUERDA

Todo este processo de mobilização popular e a disposição para a luta amplamente demonstrada pelas massas trabalhadoras teve ainda um importante papel na consolidação da coesão e firmeza de posições dos sectores revolucionários das FA.

Em muitos plenários de Unidade e reuniões de delegados militares foram unanimemente expressas posições que demonstram claramente que se caminha para a coordenação e unificação dos esforços de toda a esquerda militar.

Em reunião entre as comissões de trabalhadores de várias empresas e os trabalhadores da RR foi decidido que o programa desta emissora voltaria a estar no ar sem censuras.

As forças repressivas mantinham-se entretanto, activas.

Os comandos, «em obediência a ordens superiores» que visavam fazer cumprir a censura, desligaram as antenas da RR, na Buraca. Acerca deste

facto o MES emitiu o seguinte comunicado:

A hora é grave. Na madrugada de hoje os Comandos da Amadora calaram a voz da Rádio Renascença, sabotando as antenas daquela estação emissora.

Esta acção provocatória foi desencadeada na continuação da ofensiva das forças social-fascistas e da direita fascista que tudo fazem para reduzirem a pó as conquistas populares.

São objectivos destas acções consolidar em nome da «ordem» e da «disciplina» um Governo cheio de burgueses, que começa logo por acabar com a liberdade de Informação — ocupando as rádios, já que não conseguiu fazer cumprir o decreto da censura militar aprovado pelo Conselho da Contra-Revolução.

O que é que pretendiam a seguir?

Acabar com as unidades militares que sempre estiveram ao lado do povo: a **Policia Militar, o Ralis, o EPAM, etc.**

Criar uma força militar especial e profissional de que a «AM» é um primeiro sinal, para poder reprimir o povo, a classe operária e os trabalhadores, tudo em nome do programa do VI Governo burguês.

Alerta Trabalhadores!

CLIMA DE CONFRONTAÇÃO

Os partidos da burguesia entretanto desempenhavam o seu (triste) papel.

O PS, logo apoiado pelo PPD, afirmava apoiar as medidas reaccionárias de Pinheiro de Azevedo. O CDS nem precisava de afirmar nada para que se soubesse do seu apoio.

Imediatamente, foram feitas ameaças quanto a eventual actuação provocatória em relação às estações de rádio.

Assim, ao entardecer de 3.ª-feira, o ambiente era tenso. Milhares de trabalhadores concentravam-se nos emissores de rádio, prontos a defendê-los da investida desesperada da burguesia.

De facto, e contrariando os desmentidos do PS, a manifestação dirigiu-se à EN, onde foram feitas provocações dos elementos populares e aos deficientes das FA ali presentes. A confrontação chegou a iniciar-se, o que obrigou as forças da PM e dos pára-quadistas a dispersar os provocadores com gases lacrimogéneos e tiros para o ar.

Pode dizer-se que a burguesia, que em alguns milhares acorreu ao apelo do PS e PPD, apanhou um grande susto. Habitados durante tantos anos a assistir risonhos à repressão sobre os trabalhadores, mal acordavam do seu espanto. Quem diria que também para os exploradores há gases lacrimogéneos...!

A noite um comunicado do PS pediria despudoradamente «licenciamento» dos soldados que dispararam para o ar.

A DIREITA NÃO DESISTE

Pinheiro de Azevedo continua obstinadamente a pôr em prática o golpe reaccionário. O seu objectivo mantém-se: dominar os órgãos de Informação, restabelecer a censura fascista, preparar o caminho à repressão sobre os trabalhadores.

Falhados os objectivos da ocupação militar, é tentada nova manobra: a substituição dos soldados por PSP e GNR. **Substituindo os trabalhadores fardados por mercenários, os capitalistas esperam finalmente ser obedecidos.**

Neste plano se integra, como é evidente, a demissão do gen. Pinto Ferreira do Comando da GNR e PSP.

Quem pretende dispor de uma força de choque reaccionária, não lhe põe no comando um oficial progressista...

Deste modo espera o 1.º Ministro ter uma força dócil ao serviço dos seus desígnios.

A censura seria restabelecida sob a direcção do «PPD independente» Almeida Santos.

A Rádio Renascença, «logicamente» (?) manter-se-ia encerrada.

Esta a manobra de recurso do plano do controlo da Informação. Ela é demasiado clara para que possa enganar alguém.

Os soldados que ocupavam as emissoras desde logo exprimiram a sua posição de «não irem em golpes». A declaração dos soldados do RIOQ ao abandonar o RCP dá o tom do sentir dos soldados. Eles foram peremptórios em afirmar que só abandonavam as instalações daquele emissor porque lhes era garantido que ele não seria ocupado por quaisquer outras forças militares ou militarizadas. Quem se atreverá a violar essa promessa?

Face à mobilização popular, face à firme resposta dos trabalhadores fardados e dos trabalhadores em fato macaco, vendo o seu golpe em vias de abortar, a social-democracia tenta lançar a confusão. O P. S. anuncia um golpe da extrema-esquerda. A quem julga enganar? Que pretende Soares com mais esta invenção balofa?

Desviar de si próprio as atenções?

Criar argumentos para a declaração de estado de sítio de que Azevedo já falou?

Todos os revolucionários civis e militares não podem já ter quaisquer dúvidas. O momento não permite hesitações.

É preciso responder golpe a golpe às manobras da burguesia!

É preciso manter a Informação e a mobilização!

É preciso paralisar o trabalho, fazer plenários, vir para a rua defender as conquistas populares!

Reaccionários fora dos quartéis!

Fora o VI Governo Provisório! Por um Governo de unidade revolucionária!

Soldados, sempre, sempre ao lado do povo!

Viva o Poder Popular!

Viva a Revolução Socialista!





AVEIRO

Em Aveiro, a FUR convocou uma manifestação onde a participação popular se fez sentir e no fim da qual, usou da palavra, pelo MES, o camarada Celso Cruzeiro.

PENICHE

Em Peniche, a FUR, realizou um Comício onde esteve presente, entre outros, o camarada Luis Martins do MES.

VIANA DO CASTELO

Sessão de esclarecimento com 150 pessoas, no sábado (27), e concentração pelas 12 horas de Domingo.

VILA REAL

Comício com a presença de 300 trabalhadores e intelectuais, no domingo.

ÉVORA

Centenas de trabalhadores na manifestação da F.U.R.

Apesar da chuva torrencial que durante toda a manhã e princípio da tarde caiu sobre Évora a F.U.R., mercê da capacidade de mobilização que sobre o local de concentração conseguiu desenvolver, realizou uma manifestação com a presença de algumas centenas de trabalhadores de Évora. Empunhando cartazes «reforçar armar o poder popular», «soldados sempre, sempre ao lado do povo», «F.U.R. — Frente de Unidade Revolucionária», «apoio à reforma agrária já», gritando estas e outras palavras de ordem, a manifestação percorreu os principais pontos da cidade, passando por vários quartéis, e indo terminar exactamente em frente do R.I. — Évora.

Subindo para uma «berliet», os elementos do secretariado local da F.U.R. (M.E.S., P.R.P., M.D.P.) usaram da palavra, tendo o camarada do M.E.S. feito uma análise do actual confronto de classes e as perspectivas de luta que se abrem aos revolucionários.

ESTREMOZ

Por iniciativa do Secretariado local da F.U.R. realizou-se no passado sábado um comício em Estremoz. Mais de 200 pessoas assistiram e participaram vivamente durante as intervenções e posterior debate.

O debate feito a seguir, além de ter focado a importância e papel dos órgãos de poder popular pôs a claro como as massas populares sentem bem a necessidade da unidade, de unidade revolucionária.

EUROPA

Também em muitos países da Europa a FUR, a convite de inúmeras organizações estrangeiras, tem desenvolvido uma ampla campanha de comícios de apoio à Revolução Portuguesa. Recentemente o nosso camarada Jerónimo Franco esteve presente em Hamburgo, representando a FUR, a convite da organização comunista K. B.



LAMEGO — os últimos acontecimentos

O Núcleo do M. E. S. de Lamego, como órgão revolucionário ao serviço da classe operária e de todos os explorados e oprimidos em geral, consciente da responsabilidade que como tal lhe cabe assumir, torna públicas as suas tomadas de posição.

Isto em função de uma resposta que nos cabe dar ao oportunismo, à demagogia, à mentira e à calúnia, que alguns órgãos da comunicação, ao serviço da burguesia, teceram em torno desses acontecimentos.

Para uma compreensão correcta dos factos ocorridos, suas causas, suas consequências, o Núcleo do M. E. S. de Lamego julga necessário apontar uma enumeração dos factos de maior importância:

Foi: Considerando a prática que o comandante do E. F. S. (ex-C. I. O. E.) coronel Saraiva, tem desenvolvido e que progressivamente se tem definido por atitudes contra-revolucionárias e golpistas, dentro e fora da unidade;

Considerando que essas suas manobras se inserem num objectivo mais vasto que visa a destruição das conquistas já alcançadas pelos trabalhadores nas suas lutas, dentro e fora dos quartéis,

o Núcleo do M. E. S. de Lamego considera seu dever revolucionário, fiel aos compromissos de classe que assume, tomar a iniciativa de desmascarar as atitudes e a figura do coronel Saraiva, e os objectivos em que elas assentam.

Assim, é através de cartazes de parede e outros meios de difusão de massas, colocados em vários pontos da cidade, que pomos a claro aquilo que o Povo não deve desconhecer. Manobras reaccionárias do comandante como algumas que sumariamente aqui vamos apontar;

Ameaças e saneamento a militares revolucionários, sob pretexto marginal de romperem com a disciplina inerente a um exército de características burguesas;

Manipula e impede o democrático funcionamento das Assembleias de Unidade (ADU's);

Insurge-se contra as estruturas democráticas existentes nas Forças Armadas (5.ª Divisão, ADU's, GDU's, etc.);

Faz aprovar moções contra-revolucionárias, sem uma discussão profunda e crítica daquilo que se aprova (Documento dos «Nove», contra Corvacho, etc.);

Usa métodos de repressão que visam a desorganização dos soldados e dos militares de esquerda, como seja o facto de ter impedido a ida organizada de soldados à manifestação convocada pelos S. U. V. (Soldados Unidos Vencerão) no Porto.

Todos os factos apontados, e muitos outros semelhantes, são perfeitamente comprovados e o «sr. comandante» sabe-o demasiado bem, mas para quem como ele que «disciplinarmente e honestamente» tem cumprido o seu dever de reprimir os soldados, não passam de calúnias...

Naturalmente, tal como prevíamos, as reacções à nossa tomada de posição, foram surgindo. Os cartazes de parede são rasgados por soldados (às ordens ou não do comandante?). O comandante tenta criar uma certa agitação dentro do quartel. E convocada extraordinariamente uma assembleia de Unidade na qual o comandante pretende responsabilizar militares, pelas posições por nós assumidas numa tentativa que, em última análise, criasse as condições favoráveis a novos saneamentos. Faz ainda considerações sobre questões de «disciplina e coesão», para o que apontou a necessidade de restabelecer a «disciplina e coesão» que o Exército perdeu depois de 25 de Abril. Quer com isto dizer a sua real vontade do regresso ao 24 de Abril, do regresso ao fascismo?

A um nível de ofensiva mais vasta (mobilizando massas, canalizando a situação contra a nossa estrutura e a esquerda em geral por um aproveitamento das forças de direita) o coronel Saraiva serve-se dos partidos burgueses que o apoiam e com os quais mantém compromissos claramente expressos. Assim o P. S. e o P. P. D. com apoio de C. D. S.'s e de todos os fascistas, convocam uma manifestação que sob o pretexto de apoiar o comandante permite que todos os fascistas saíssem à rua e também pudessem gritar: «Cães com raiva não mordem o Saraiva», «socialismo sim! Ditadura não», etc. Reunindo toda a burguesia liberal-fascista local, os chamados partidos maioritários que a convocaram não conseguiram reunir mais de mil pessoas numa cidade com cerca de quinze mil habitantes. O comandante convidou os soldados a integrarem-se na manifestação: nem um só soldado se manifestou. Quem é que não entende?

Isto muito sumariamente são os factos que nos parecem de maior importância para que se tenha uma visão correcta daquilo que nos últimos dias aconteceu em Lamego.

“POESIA” E SOCIAL-DEMOCRACIA...

O trabalho de ampla mobilização e esclarecimento revolucionário que o MES reforça nos últimos meses; particularmente no que diz respeito à «questão militar» começa a evidenciar os seus frutos.

São prova disso, não só a crescente mobilização popular em torno da palavra de ordem — «reaccionários fora dos quartéis já» como também as desesperadas manobras repressivas de que o nosso movimento tem sido alvo (Cascais, por exemplo). Em Lamego a denúncia, por parte dos nossos militantes, do que se passara no quartel provocou reacções imediatas de toda a direita (desde os fascistas aos sociais-democratas). Entre essas reacções ressaltam um «poema» (?) que aqueles senhores fizeram circular:

«Dezassete de Setembro
Lamego de lés a lés
Andou a ler plas paredes
Um manifesto do M. E. S.

O manifesto de asneiras
Estava cheio como um ovo
Não há dúvida foi feito
Com inspiração em Moscovo

Parecem os ditos M. E. S.
Cães atacados de raiva
Ao pretenderem morder
No comandante Saraiva

E o M. E. S. a quem o povo
Não passou procuração
Pretenderá pela força
Governar esta Nação

Tenham juízo meninos
Vamos deixar de aventuras
O povo sabe o que quer
Disse NÃO às ditaduras».

(sem comentários)





ESPAÑA: o significado do terrorismo franquista



manifestação em Espanha de resposta ao assassinio dos camaradas da ETA e da FRAP

O assassinato dos cinco antifascistas espanhóis ordenado pelo tirano Franco foi a culminação do agravamento da situação política espanhola que começou a acentuar-se à cerca de um ano.

Depois da execução do presidente do Governo, Carrero Blanco, levada a efeito por um comando da ETA em Dezembro de 73, a burguesia monopolista espanhola resolveu dar uma viragem democratizante, embora sem acabar com os princípios autoritários, que foi conhecida como «aberturismo», e que, na prática, era visível nas declarações públicas dos principais representantes dos diversos sectores burgueses.

O novo presidente, Arias Navarro, surpreendeu os sectores mais à direita quando prometeu no seu muito célebre discurso de 12 de Fevereiro de 1974, que a Espanha caminharia, lenta mas firmemente, para a democracia.

Esse caminho passava pela criação de «associações políticas» e por critérios mais abertos na publicação de livros e revistas, e nos meios de comunicação social em geral.

No entanto este «caminhar lentamente» era já praticamente impossível pois o movimento de massas aumentava vertiginosamente e exigia muito mais do que aquilo que os monopólios e os seus representantes estavam dispostos a dar. Além disso o aparelho fascista, tanto a nível de órgãos governamentais como sindicais e falangistas em geral, não pretendia ceder nem sequer nas curtas propostas de Arias Navarro.

A primeira batalha é ganha por este sector que consegue evitar o processo associativo assim como qualquer mudança real a nível de aparelho de Estado. É desta maneira que os chamados ultras consolidam as suas posições, mas isolando-se gravemente tanto da sua antiga base de classe mobilizável (sectores de pequena e média burguesia da província), como dos seus amos monopolistas, cujos interesses de abertura à Europa são dificultados pela política fascista rígida.

Paralelamente a este processo o movimento de massas não deixa de crescer ameaçando com acções de grande nível para 1974-75, ao mesmo tempo que começam a esboçar-se alianças de sectores da oposição, como a

junta democrática formada à volta do PCE e de personalidades da direita democrática.

A ofensiva desencadeada durante o Verão para substituir a Franco por Juan Carlos, reactivando assim o controlo da situação pela burguesia monopolista sob o seu projecto de «democracia de direita», fracassa ao chocar com o aparelho franquista, que consegue expulsar do Governo os homens-chave do processo de abertura: Pio Cabanillas (ministro da Informação e Turismo) e a totalidade da equipa económica do Governo.

Depois desta vitória da direita a repressão volta aos esquemas clássicos e o projecto Arias Navarro fica esquecido.

Mas a luta de massas é já imparável, atingindo o seu grau mais importante em Euskadi com a greve de 11 de Dezembro, em que participaram mais de 200 000 trabalhadores e largas camadas da população. Esta greve foi, além da sua importância global, uma importante demonstração da capacidade mobilizadora da esquerda não reformista — neste caso MCE, ORT, LCR-ETA VI, ETA V.

Nos meses seguintes a situação não se altera a não ser pela preparação do Governo para uma ofensiva repressiva de proporções nunca atingidas depois do período da guerra civil.

Esta ofensiva começaria em Euskadi, com a declaração do Estado de excepção em Abril (1975), que transformou aquela zona em claro campo de batalha com milhares de presos nas esquadras e na praça de touros,

e com vários mortos e centenas de feridos.

Também nesse momento começam a preparar-se julgamentos contra militantes de esquerda, especialmente da ETA, aos quais se ameaça com aplicar a pena de morte.

Durante os primeiros meses do Verão a tensão é grande pois os confrontos das diversas tendências dominantes situam os órgãos de poder num autêntico caos. A isto contribui também o aumento do seu isolamento depois da criação da plataforma de convergência democrática.

Uma vez mais a vitória é do grupo mais ortodoxamente fascista que consegue impor, no fim de Agosto, a lei antiterrorismo e o regresso à repressão generalizada.

É neste contexto que se desenvolvem os quatro julgamentos — dois a militantes da ETA e dois ao FRAP — em que são condenados à morte 11 antifascistas, dos quais são assassinados cinco, apesar das fortes mobilizações internas e externas, que ameaçam com estrangular política e economicamente o actual regime franquista.

Simultaneamente o fascismo assassina na rua como no caso de Jesus Garcia (militante do MCE), morto a tiro pela polícia quando transportava uma bandeira à cabeça de uma manifestação em San Sebastian, precisamente para protestar contra as condenações à morte.

Só a luta dos povos de Espanha ajudados pelos povos do mundo inteiro poderá acabar com o franquismo assassino.

LONDRES:

SOLIDARITY
with the
PORTUGUESE
WORKING CLASS
Sat. 20th September
2.30pm Charing X
Embankment



DEMONSTRATION

Realizou-se no passado dia 20 em Londres, uma grandiosa manifestação, organizada pelo Workers Co-ordinating Committee e com total aderência das organizações de esquerda britânicas, em solidariedade com os trabalhadores portugueses.

Esta demonstração, devido à sua grandiosidade, propósito e palavras de ordem — «Fascism EEC CIA Soares OUT!» «End the Imperialist Blockade!» «Big business, N. A. T. O., C. I. A. hands off Portugal!» «Victory to the Portuguese Revolution!» «Portugal não será o Chile da Europa!» «PODER POPULAR!» gritadas em inglês e em português, venceu bem o propósito revolucionário da «left» inglesa, na solidariedade para com os seus camaradas trabalhadores e a Revolução socialista em Portugal.

Além da PWCC, IMG, IS, Angola Solidarity Committee, e de outras organizações de esquerda, representadas em elevado número e dos seus núcleos regionais, estavam presentes também camaradas da Grécia, África do Sul, Itália, França, Espanha.

De lamentar (o que já não é surpresa...) o reduzido número de portugueses presentes. Sendo esta manifestação de apoio à luta dos nossos irmãos, e nossa também (embora estejamos no estrangeiro) é triste assinalar o desinteresse manifestado pelos trabalhadores emigrantes portugueses aqui residentes.

As campanhas de mentira e difamação, orquestradas pela imprensa (fascista) diária inglesa (não contando com os outros países, claro!) tem feito o seu efeito — o emigrante português tem todos os dias a seu lado a reacção (o podre capitalismo britânico) que lhe segreda: — «Não te iludas, os comunistas querem-te tirar a casinha lá na terra e o dinheiro que para lá envias! Não te interesses por Portugal até a social-democracia estar lá instaurada, esses sim querem o teu bem!»

Para estes fascinadores exploradores, convém que o emigrante viva na obscuridade total... ou não pertençam eles à mesma religião do extinto Salazar.

O «Poder Popular» vende-se em Londres na:
Collet's London Bookshop 64/66 Charing
Cross Road, W.C. 1

A. Moroni e Son 68 Old Compton Street, W.1
Librarie Parisienne 48 Old Compton Street,
W. 1



Ao iniciar-se esta apertadária, mas colectiva demonstração, apareceu alguém com dezenas de cartazes, em que se lia Solidarity with Portuguese Workers-P. C. P., os quais foram distribuídos já com a manifestação em marcha.

Até aqui nada de especial, além da surpresa geral dessa comparação — última-hora do P. C. P.!

Mas quando das intervenções, ou melhor quando o delegado do M. P. L. A., João Filipe falava, viu-se imergir do meio da assistência e em grupo cerrado, indivíduos (ingleses) que empunhavam (e agitavam) os ditos cartazes P. C. P., começando em coro P. C. P. — VIVA Cunhal! Gerou-se repúdio geral entre a restante assistência.

Enfim, já estamos habituados ao reformismo, às alianças fantasmagóricas e à traição das palavras de ordem... O QUE CONDENAMOS! Pois não é com sectarismos utópicos que se leva para a frente uma Revolução em que todos estamos empenhados. Bem basta o capitalismo, a social-democracia e demais flagelos fascistas que temos de combater...

Núcleo de Londres do M. E. S.

**BALANÇO DO
PROCESSO DE LUTA
URBANA NO NORTE
— SEUS DESVIOS E LIMITES**

**SOBRE O TRABALHO
DE ACÇÃO LOCAL**

INTRODUÇÃO

1.1 — Tem-se afirmado que no distrito do Porto, mais especificamente na cidade e concelhos limítrofes, cerca de 40 a 50 mil pessoas estão mobilizadas na luta pela habitação e pela modificação da sua vida quotidiana, reivindicando os equipamentos colectivos — creches, infantários, postos médicos, etc. — necessários para que novas estruturas sociais possam surgir e com elas a emancipação do domínio da burguesia.

Estão formadas com esses objectivos comissões de moradores em todos os bairros camarários da cidade do Porto, comissões de moradores nalguns bairros das Caixas, e comissões de moradores constituídas a partir do desenvolvimento do processo S.A.A.L., em curso desde Outubro do ano passado.

1.2 — No entanto, uma análise política conse-

quente levanta uma questão central — **estão a ser efectivamente prespiciadas como embriões de poder popular as comissões de moradores já existentes, para assumirem a sua real possibilidade de intervenção na dialéctica revolucionária ou, pelo contrário, não se ultrapassaram ainda os limites meramente reformistas da reivindicação de melhores condições para a vida existente, sem a revolucionar, subvertendo-a e criando novos padrões de quotidiano?**

Pensa-se que não, que essa perspectiva é ainda uma meta. E pensa-se também que a curto prazo se verificará uma degradação do processo, se entretanto certos desvios verificados não forem rapidamente modificados.

1.3 — **Em nossa opinião, existem cinco desvios fundamentais:**



Falta de inserção da luta urbana na luta dos trabalhadores.

A deficiente análise relativamente à composição social das populações locais, por parte dos vários órgãos integrados no processo — Grupo Coordenador S.A.A.L., brigadas técnicas, organizações políticas com referências à democracia directa e militantes da luta urbana — deu origem a que amplas franjas da pequena-burguesia e «lumpen proletariado» obtivessem a hegemonia no desenvolvimento das organizações de moradores, conduzindo à criação de «comissões» que segregam a ideologia da classe dominante fazendo penetrar nas camadas de trabalhadores produtivos os parâmetros limitados do seu horizonte político.

Assim, a luta pela gestão do espaço urbano e pela apropriação do quotidiano transforma-se na reivindicação do alojamento, panaceia que convém ao sistema, porque recuperável, espartilhando-a dentro de limites que a curto prazo se institucionalizarão, canalizando-os para o actual aparelho de Estado burguês através dos serviços centrais «adequados» (Fundo de Fomento de Habitação, Camaras, Juntas de Freguesia) onde a autocracia burocrática se encarregará de confinar a luta nos limites do legalismo da democracia burguesa e do Estado do Direito.

O combate a este desvio propõe-se que seja realizado a dois níveis:

1.º — Realização da

análise de cada área de luta verificando a composição social do agregado humano mobilizado, e as forças em presença; detectar as contradições entre os estratos socioeconómicos existentes; privilegiar o arranque de processos em áreas de população proletarizada.

2.º — Realizar a siste-

Contradição entre acção caritativa/dinamização sócio-política dirigida para a organização autónoma das populações.

As experiências verificadas com agrupamentos de ciganos e «lumpen proletariado» indicam que o seu enquadramento no processo não se realizará sem que se altere substancialmente o seu próprio quadro social o que só terá lugar numa fase mais evoluída, já de transição para o socialismo.

Nestas condições,

Contradição entre poderes locais e poder popular.

O poder popular, representando o livre

mática inserção de cada processo na perspectiva global da Revolução socialista. Na etapa actual, esta inserção poderá ser realizada através de campanhas de dinamização cultural nos próprios locais, reforçada com debates em que intervenham militantes políticos, jornais de parede, etc.

atendendo ao ritmo que é necessário imprimir ao processo de luta urbana, e dadas as insuficiências de quadros políticos e técnicos, é lamentável que se mobilizem em acções caritativo-folclóricas elementos cujo trabalho podia ser extremamente mais eficaz em contacto com outro tipo de aglomerados populacionais.

A criação de secretariados de coordenação

lar, tentando colocá-los ao serviço das linhas políticas das organizações, e, simultaneamente, procurando «domesticar» as iniciativas populares locais, subordinando-as aos ramos do actual aparelho de Estado.

Encontram-se neste terreno, fundamentalmente, as intervenções de dois grupos: P.C.P. e F.E.C.

No que respeita ao P.C.P., as suas tentativas desenham-se no sentido de espartilhar as «comissões de moradores» através da tentativa de as ligar às Juntas de Freguesia; de facto, o P.C.P., como organização reformista que é, pretende assaltar o aparelho de Estado burguês, e não superá-lo, dominar esse aparelho com o seu próprio aparelho, isto é, pretende colocar um instrumento de dominação de classe nas mãos dos seus funcionários.

Ora, o aparelho de Estado que a burguesia organizou para impor a sua ditadura sobre as classes trabalhadoras, continuará inevitavelmente a servir para dominar as mesmas classes, embora com outro estrato a segurar as alavancas do poder.

A questão não reside portanto em ocupar o actual aparelho de Estado, mas sim em superá-lo, construindo outro que represente os efectivos interesses dos explorados e oprimidos.

Há que combater duramente todas as tentativas na direcção do processo apontadas por parte do P.C.P., havendo que prever que este se irá exclusivamente aliar a outras forças para amordçar as iniciativas das organizações au-

tónomas das populações e estabelecer o domínio dos burocratas sobre as massas.

No que respeita à F.E.C., esta organização não quer «perder o pé» no processo, pretende antes dominá-lo e limitá-lo de acordo com o seu próprio dimensionamento em quadros e em inserção. Pretende gerir o processo de acordo com os limites do seu projecto político, colocando a luta de massas ao serviço da construção do partido que por sua vez prosseguirá objectivos cuja semelhança com os objectivos do P.C.P. não é pura coincidência.

O processo revolucionário português se encarregará de demonstrar que as actuais linhas políticas de que se vestem as organizações que se reclamam de raízes maoístas não se diferenciam substancialmente do projecto político do P.C.P. a não ser pela terminologia semiadolescente utilizada e por um verbalismo aparentemente revolucionário que recobre uma real falta de aptidão para compreender o processo. Aliás, e pontualmente são de esperar alianças tácticas neste sector entre o P.C.P. e a F.E.C.

Isto não significa que se proponha marginalizar individualmente elementos do P.C.P. e da F.E.C. alojados nos vários planos do processo. **O que se propõe é que sejam rudemente combatidas as linhas políticas das duas organizações e que seja veiculada toda a gama de informações que permita derrotar decisivamente essas intromissões na emancipação das populações.**

Contradição entre a necessidade de numerosos técnicos revolucionários e a sua escassez.

A técnica é um instrumento que serve uma opção política. Qualquer afirmação que pretenda que a técnica é neutra, é falsa.

O processo de luta urbano na actual fase, exige que as brigadas técnicas que intervêm localmente tenham consciência do processo revolucionário do País e que se disponham a integrar nele.

Isto exige portanto que saibam reconhecer as lacunas da sua preparação técnica e que as saibam superar.

Têm finalmente, que aproveitar a sua acção para executar uma ampla dinamização cultural. A actuação das populações sobre as equipas técnicas é o antidoto para a possibilidade de actuação destes confluir na tecnocracia.

exercício da democracia directa e a gestão do quotidiano vivido, não corresponde à soma dos poderes locais, mas à coordenação organizada das suas expressões.

Assim, terá que ser combatido o isolamento entre as comissões de moradores promovendo-se encontros, assembleias colectivas para tratar de assuntos específicos, realizações comuns, etc., conferindo a cada uma uma perspectiva globalizada e propiciando o nascimento de uma consciência colectiva permanente e actuante.

Contradição entre os interesses colectivos dos trabalhadores e interesses de agrupamentos políticos.

No decorrer dos últimos meses, verificaram-se alguns acontecimentos no espaço urba-

deve ser encarada, desde que se criem condições para garantir que não se transformará numa cúpula restritiva das acções das massas populares, susceptível de ser hegemónizada por uma fracção política.

Nesta linha, o esboço de assembleia de área, não rapidamente confinada aos limites administrativos das freguesias, agregando diversas «comissões de moradores» e também «comissões de trabalhadores» existentes na zona, será uma meta que se propõe atingir a curto prazo.

no do Porto que evidenciam a tentativa de instrumentalização dos órgãos de poder popu-

**ORGANIZAÇÃO REGIONAL DO PORTO
GRUPO COORDENADOR DA ACÇÃO LOCAL**

NEM UM SÓ SOLDADO PARA O A.M.I.!

1 — A GRANDE MANIFESTAÇÃO DO DIA 25

Na sequência da grande manifestação do dia 10 no Porto, a manifestação promovida pelos S.U.V. em Lisboa no passado dia 25 foi a mais clara manifestação da força imparável da aliança entre os soldados e os seus irmãos de classe, os operários e os camponeses.

Apesar de a C. D. A. P. A. a ter denunciado e caluniado como fantasma, esta manifestação dos S.U.V. em Lisboa reuniu, sob a bandeira da luta contra o fascismo e o capitalismo e pela ofensiva popular, milhares e milhares de soldados e militares progressistas e uma multidão que por todos foi classificada como a maior que desceu às ruas de Lisboa desde o 25 de Abril de 1975.

Por todos, não! Com efeito, para alguns imparciais (?) observadores burgueses da nossa praça, os soldados eram só mil!!!... e o total dos manifestantes não ultrapassava os dez mil!!!!...

3. A RESPOSTA DA REACÇÃO.

Face a esta nossa grande manifestação, a resposta dos reaccionários não podia tardar e ei-la logo no dia seguinte sob duas formas:

— a primeira, através de oficiais e sargentos da E.P.I., onde estes demonstraram o seu grande reaccionarismo e uma vez mais, sendo uma minoria, se atreve a falar em nome de toda a Unidade. Ora, a maioria — os praças — não puderam participar e aos oficiais e sargentos progressistas foram feitas ameaças de morte. É esta a **democracia dos reaccionários** — tudo com o objectivo de impedir o regresso dos dois militares libertados à sua Unidade e provocar a sua prisão de novo;

— a segunda veio do Conselho da Revolução com a decisão de criação do A.M.I. (Agrupamento Militar de Intervenção), autêntica polícia de choque para reprimir o povo.

buidas a esse criminoso Agrupamento Militar. Por certo que tentariam servir-se dele para nos reprimir, a nós soldados e marinheiros, sempre que nós nos recusarmos a reprimir o povo e nos coloquemos ao seu lado.

5. A NOSSA RESPOSTA

Por isso nós soldados, marinheiros, sargentos e oficiais progressistas, responderemos — MORTE AO A.M.I.!

— NEM UM SÓ SOLDADO PARA O A.M.I.!

Entretanto vamos continuar a nossa luta nos quartéis contra o pré de miséria, pela democratização da vida das Unidades, por transportes gratuitos e pela constituição de **comissões de soldados!**

Cabe aqui uma chamada de atenção para a questão do pré de miséria que nos é pago e que recusamos aumentar. Pretendem voluntários para formar o A.M.I. Mas seremos nós, soldados e marinheiros, enganados a tal ponto que nos deixemos ir? Im-



Mas se foi tão pequena, porquê todo o medo que a burguesia e seus lacaios civis e militares têm vindo a demonstrar através dos vis ataques que desde então têm vindo a fazer aos S.U.V.?

2. QUEM TEM MEDO DOS S.U.V.?

Esse medo da burguesia, do imperialismo e dos seus lacaios justifica-se na medida em que a manifestação dos S.U.V. representa um enorme passo em frente na unificação, no campo da luta, dos soldados e dos operários e no lançamento dum poderoso movimento de massas que não só há-de derrotar a ofensiva reaccionária como varrerá para sempre de Portugal com a exploração e a opressão e garantirá a efectiva independência nacional!

Na manifestação do dia 25, soldados, marinheiros, operários e restantes trabalhadores não se limitaram a manifestar a sua vontade, impuseram-na, exercendo o invencível poder que têm nas mãos e libertando os dois militares da E.P.I. presos na Trafaria por ordem dos oficiais reaccionários de Mafra.

4. — O QUE É O A.M.I.?

A primeira mais não representa do que a tentativa dos reaccionários de continuarem o saneamento dos progressistas para garantirem o seu poder nos quartéis e utilizar as armas para reprimir o povo implantando uma feroz ditadura militar ao serviço do capital e do imperialismo.

A segunda justifica-se por que tendo já sentido a nossa força começam a duvidar de conseguirem levar à prática a primeira — pois sabem que não permitiremos a prisão ou o saneamento de nenhum soldado ou militar progressista e correremos com todos os reaccionários para fora dos quartéis.

Assim tentam criar uma força militar especializada na repressão à qual serão atribuídas missões como a de ocupar o jornal «República» ou a Rádio Renascença ou a de reprimir trabalhadores em luta ou os camaradas deficientes — acções que nós muito justamente nos recusamos a cumprir, o que não aconteceu com o sr. cor. Jaime Neves e os seus comandos que o fizeram de forma violenta na madrugada de 2.ª feira.

Mas não só acções desse tipo viriam a ser atri-

possível! Nesse caso, já se fala em recorrer a mercenários com bons ordenados para reprimir o povo e os soldados.

E para isso já haverá dinheiro?

Exigimos a melhoria do pré para todos nós e não permitiremos que o Exército se transforme num corpo de mercenários.

Aliás se os senhores do VI Governo e do Conselho da Revolução dizem estar ao lado do povo e querem o Socialismo, então, por certo, só pensam em reprimir os reaccionários dentro e fora dos quartéis.

Mas se assim é, para isso estamos cá nós, está cá o Copcon...

Se precisam de outras forças militares é por que lhes querem atribuir uma missão que nós recusamos — a de reprimir o povo!

Unidos e organizados nos quartéis e unidos aos operários e camponeses derrotaremos todas estas manobras reaccionárias!

Soldados sempre, sempre ao lado do povo!

Não ao Exército profissional!

Em frente pelo Exército popular!